

Secção 12

Outras temporalidades: Arte, literatura e resistência no Brasil

Leitung | Coordenação: Peter W. Schulze, Carola Saavedra, Luca Bacchini

SALA | RAUM: Haus 5 – SR134 (Hyb.)

Mittwoch | quarta-feira – 15/09

14:00 – 18:00	Einschreibung für Präsenzteilnehmer:innen Inscrição para participantes presenciais
15:00 – 16:30	Treffen der Sektionsleiter:innen Reunião dos Coordenadores de Secção
16:30 – 17:00	Kaffeepause Intervalo para café
18:00 – 20:00	Eröffnungszeremonie Cerimónia de Inauguração Eröffnungsvortrag Prof. Dr. Johannes Kabatek (Zürich) Palestra de Abertura Prof. Dr. Johannes Kabatek (Zurique)
20:00	Umtrunk mit Häppchen Beberete com canapés

Donnerstag | quinta-feira – 16/09

08:00 – 09:00	Einschreibung für Präsenzteilnehmer:innen Inscrição para participantes presenciais		
11:45 – 13:15	Plenarvortrag Literaturwissenschaft Sessão Plenária de Literatura		
13:15 – 14:30	Mittagspause Intervalo para almoço		
14:30 – 15:15	Organizadores da secção		Introdução à secção
15:15 – 16:00	Luca Bacchini	presencial	Essa gente, minha gente. O “onirismo desperto” de Chico Buarque
16:00 – 16:30	Kaffeepause Intervalo para café		
16:30 – 17:15	Claudio Cardinali	presencial	Brasil, periferia do capitalismo: a contribuição de Roberto Schwarz para pensar o Brasil hoje
17:15 – 18:00	Regina Dalcastagnè	online	Com nossas “fracas armas”: literatura e resistência no Brasil hoje
19:00	Lesung Sessão de Leitura		

Freitag | sexta-feira – 17/09

08:00 – 09:00	Einschreibung für Präsenzteilnehmer:innen Inscrição para participantes presenciais		
11:15 – 13:15	Mittagspause Intervalo para almoço		
13:15 – 14:15	Plenarvortrag Sprachwissenschaft Sessão Plenária de Linguística		
14:15 – 14:30	Pause Intervalo		

14:30 – 15:15	Odile Cisneros	online	Tradição/tradução/traição: Tradução e recepção de literatura afrodescendente e afro-brasileira para o inglês
15:15 – 16:00	Aline Corrêa	presencial	Memórias devidas: perspectivas sobre o silêncio nas obras de Rosana Paulino e Adriana Varejão
16:00 – 16:30	Kaffeepause Intervalo para café		
16:30 – 17:15	Peter W. Schulze	presencial	A política do cabelo na literatura e arte afro-brasileira
17:15 – 18:00	Edimilson de Almeida Pereira	online	As ideias escritas no mar: uma cartografia das escritas afrodiáspóricas
19:00	Freier Abend - Abendessen der Sektionen Noite livre - Jantar das Secções		

Samstag | sábado – 18/09

09:00 – 09:45	Christoph Müller	presencial	Contar, comentar, confrontar: música rap como meio de expressão e comunicação desde as margens
09:45 – 11:30	Carola Saavedra	presencial	Antes do fim: <i>O Karaíba</i>, de Daniel Munduruku
10:30 – 11:15	Sabrina Alvernaz Silva Cabral	online	<i>O sal do Xingu</i>: Cinema e Resistência
11:15 – 11:45	Kaffeepause Intervalo para café		
11:45 – 12:30	Cecilia Nuria Gil Mariño	presencial	Temporalidades, cartografias e corporalidades em <i>Branco Sai, Preto Fica</i> (2014) e <i>Era uma vez Brasília</i> (2017) de Adirley Queiros
12.30 – 13:15	Mateus Araújo / (Anita Leandro)	online	Do vulto anônimo à praça pública: vislumbre do sujeito político em <i>Sete Anos em maio</i> (Affonso Uchoa, Brasil, 2019)
13:15 – 14:30	Mittagspause Intervalo para almoço		
14:30 – 17:00	Assembleia geral dos membros da Associação Alemã de Lusitanistas		
19:00	Konferenzdinner Jantar de Encerramento		

Abstracts | Resumos – Sektion | Secção 12

Mateus ARAÚJO (Universidade de São Paulo), Anita Leandro (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Do vulto anônimo à praça pública: vislumbre do sujeito político em *Sete Anos em maio* (Affonso Uchoa, Brasil, 2019)

Resumo: Quarto filme de Affonso Uchoa, o média-metragem *Sete Anos em maio* (2019, 42') aborda um episódio de violência de Estado frequente contra as populações pobres no Brasil. Ao voltar de uma jornada de trabalho, um jovem negro de uma cidade da periferia de Belo Horizonte é abordado por um grupo de policiais que o acusam (de esconder droga em casa), sequestram e torturam barbaramente, antes de tentar extorqui-lo. O filme inventa uma estrutura situada entre o documentário e a ficção para que ele consiga elaborar e superar esta violência sofrida, por sua reencenação e por seu relato. Neste processo, acaba por vislumbrar também, em seu próprio trabalho figurativo, as possibilidades e os limites da emergência do sujeito político, da imagem inicial do protagonista (como um vulto caminhando à noite numa rua deserta) até sua imagem final (afirmando com seu corpo sua insubmissão à violência de Estado numa praça pública, também noturna e deserta). A comunicação discutirá este percurso construído pelo filme entre o vulto inicial e o sujeito que chega ao limiar da cidadania política sugerido pelo plano final, depois de reassumir sua identidade, retornar ao lugar da violência sofrida e narrar sua experiência.

Luca BACCHINI (Universidade de Roma, Sapienza)

Essa gente, minha gente. O 'onirismo desperto' de Chico Buarque

Em recente entrevista, Chico Buarque descreveu o Brasil como “um país onde a ignorância assumiu o poder” e onde é cada vez mais difícil para ele andar pelas ruas sem ser xingado. De fato, o artista que por décadas foi celebrado como a “unanimidade nacional” e o símbolo da resistência à ditadura, nos últimos anos passou a enfrentar uma crescente hostilidade.

O romance *Essa gente* (2019), sem dúvida o mais engajado entre os seis publicados até hoje por Chico Buarque, pode ser lido como um retrato lúcido e impiedoso dos anos do governo Bolsonaro. O “nosso pesadelo real” (Nestrovski) ganha forma literária nas páginas do diário do escritor em crise Manuel Duarte, através de uma constante sobreposição entre realidade e devaneio que o próprio autor definiu como “onirismo desperto”.

Além do cenário tenebroso do Brasil de hoje, *Essa gente* testemunha a distância entre o autor Chico Buarque e uma parte da sociedade, que, inesperadamente, passou a representar a quase maioria da população. Depois de mais de meio século, a “minha gente” protagonista silenciosa de célebres canções como a “Banda” (1966) e “Apesar de você” (1970) é substituída pela “essa gente” do romance. Na passagem do pronome possessivo (minha) para o demonstrativo (essa), é possível observar tanto a crise de uma ideia de comunidade quanto o isolamento do artista. Porém, desde a ditadura militar até o obscurantismo de Bolsonaro, o que continua intacto é a função imprescindível da literatura e da música como poderosos instrumentos de luta.

Sabrina Alvernaz Silva CABRAL (Universidade Federal de Santa Catarina)

O sal do Xingu: Cinema e Resistência

Esta palestra se debruça sobre o curta-metragem *Agahü: o sal do Xingu* (2020) do cineasta indígena Takumã Kuikuro e seu contexto de produção, na Terra Indígena do Xingu, Mato Grosso, Brasil. O documentário dialoga com a Declaração Universal dos Direitos Humanos, mais especificamente com o direito à liberdade de pensamento, consciência e religião, de maneira a enfatizar que o “sal tradicional” conjuga ciência, arte, fé. Especial destaque é dado à dinâmica de produção imagética, considerando desdobramentos audiovisuais e políticos- sociais a partir da elaboração do roteiro, de escolhas de enquadramento, mise-en-scène e montagem. A resistência, a partir da insistência por um modo de vida kuikuro, é entendida também pelo viés da ecologia cultural ou da sustentabilidade ambiental diante da defesa do direito de colher seu alimento.

Claudio CARDINALI (Universidade de Colônia)

Brasil, periferia do capitalismo: a contribuição de Roberto Schwarz para pensar o Brasil hoje

Além de um dos maiores pesquisadores da obra de Machado de Assis, Roberto Schwarz é um crítico cultural atento às configurações ideológicas da arte, em especial da literatura, e suas diferentes manifestações na história do Brasil. A atualidade de sua obra pode ser vista em dois planos: em um sentido mais literal, Schwarz é um pensador ainda ativo, que além de tratar de produções artísticas recentes em seus ensaios também se insere no urgente debate político através de suas entrevistas. Em um sentido mais profundo, seu pensamento mantém força e atualidade por sua aproximação teórica: para Schwarz, a produção cultural brasileira é indissociável da posição periférica do país no modo de produção capitalista. O intuito desta comunicação é expor os termos de tal atualidade crítica, tratando tanto da compreensão de Schwarz do papel da produção cultural brasileira contemporânea quanto de sua contribuição para a crítica à trágica situação sociopolítica do país hoje.

Odile CISNEROS (University of Alberta)

Tradição/tradução/traição: Tradução e recepção de literatura afrodescendente e afro-brasileira para o inglês.

Essa comunicação pretende estudar a problemática da tradução de literatura afro-brasileira e de autores afrodescendentes. Além das questões linguísticas e literárias, abordaremos também as questões políticas da recepção das traduções, considerando a recente polémica nos Estados Unidos a respeito da tradução das obras da afro-americana Amanda Gorman, poeta convidada à cerimônia de posse presidencial dos EUA em janeiro 2021. Tradutores da obra de Gorman para o holandês e espanhol desistiram ou foram substituídos devido a questões supostamente tocantes à ética da tradução. Abordaremos a temporalidade dessa problemática, estudando as mudanças em diferentes períodos – o caso de uma obra dos anos 60, *Quarto de despejo*, de Carolina Maria de Jesus, e obras recentes de dois autores atuais, Conceição Evaristo e Edimilson Pereira de Almeida. Até que ponto as traduções de Carolina Maria de Jesus estabelecem uma tradição possível para traduções de autores atuais? Quais as considerações linguísticas e éticas de traduzir autores afrodescendentes? Pode a tradução virar uma traição? Qual a história da recepção de tais autores no contexto de língua inglesa? Quem está “autorizado” para traduzir autores afrodescendentes?

Aline CORRÊA (Universidade de Colônia)

Memórias devidas: perspectivas sobre o silêncio nas obras de Rosana Paulino e Adriana Varejão

Rosana Paulino e Adriana Varejão utilizam a ruptura dos azulejos coloniais como um recurso para expor feridas históricas. Ambas encontram no sangue que escorre de suas fissuras um meio para provocar o olhar e abordar temas que têm sido sistematicamente silenciados. Suas obras são atravessadas por enquadramentos que sacam elementos do segundo plano para desafiar o olhar e as narrativas, conjugando a dimensão corpórea com distintas temporalidades, que se fundem, se sobrepõem ou se interpelam.

Se por um lado ambas enquadram as feridas que permanecem abertas, por outro refletem e revelam silêncios distintos. Enquanto Varejão nos traz elementos para questionar a imagem do olho que já não vê – como aqueles expostos em “Testemunhas oculares X, Y e Z” (1997)

Paulino reivindica um espaço para explorar as memórias de “Bastidores” (1997), aquelas que existem, mas são proibidas ou interditas. Este artigo propõe um debate sobre como a temporalidade atravessa suas obras e como suas trajetórias e posições estruturais se revelam também em seus modos de fazer e abordar estes distintos silêncios, que por vezes se opõem ou se complementam.

Regina DALCASTAGNÈ (Universidade de Brasília) *Keynote Speaker*
Com nossas “fracas armas”: literatura e resistência no Brasil hoje

O historiador francês Lucien Bianco dizia que “as armas dos fracos são sempre fracas armas”, mas é com elas que temos de lutar. Podemos usar o discurso, nossa arma principal, para referendar o que querem os poderosos, ou para desmascará-los e tirar-lhes o sossego. Em meio a uma nova onda autoritária no Brasil, vemos a tentativa de contenção de um movimento popular que nasceu com a democratização e que se fortalecia no país, especialmente a partir do acesso à educação pública e com a valorização dos espaços periféricos de produção cultural. Convivemos hoje com ataques diários à cultura, ao conhecimento, aos direitos dos trabalhadores, das mulheres, dos negros, dos indígenas, dos moradores das periferias, da população LGBT; contra sua inserção social e contra suas formas de expressão. A literatura pode ser um espaço para a denúncia dessa situação, mas também pode ser abrigo para a luta, contribuindo na compreensão de nossa realidade e em termos de ampliação dos recursos estéticos disponíveis para reinterpretar o mundo.

Cecilia Nuria GIL MARIÑO (Universidade de Colônia/CONICET/Universidad de San Andrés)
Temporalidades, cartografias e corporalidades em Branco Sai, Preto Fica (2014) e Era uma vez Brasília (2017) de Adirley Queiros.

O retrato do povo, da periferia e dos seus habitantes foi um dos principais temas e preocupações do cinema brasileiro desde os anos '60, como atestam as produções do Cinema Novo e especialmente as do Cinema Marginal. Por sua vez, desde os anos 2000, surgiu uma nova camada de filmes que tiveram grande sucesso comercial, tanto no Brasil quanto no estrangeiro. Esta última, nos termos de Ivana Bentes, deu um tratamento pop e exótico aos territórios às margens da sociedade burguesa, construindo uma "cosmética da fome", ou seja, uma espetacularização da pobreza para o mercado. Diante deste cenário, o trabalho de Adirley Queiros e do Coletivo de Cinema de Ceilândia (Ceicine), que combina elementos documentais e ficcionais, mostra a periferia como um espaço de ficção científica e não apenas de realismo social; como um espaço discursivo de subversão social que evita as narrativas sociais dos sujeitos periféricos e enfatiza a agência narrativa dos sujeitos representados, nas palavras do próprio Queiros, que faz parte destes universos subjetivos.

Este questionamento das cartografias da segregação sócio-racial, que em *Branco Sai, Preto Fica* (2014) assume a forma de vingança e em *Era uma vez Brasília* (2017) de suspensão, ocorre a partir de uma interação entre temporalidades heterogêneas típicas do gênero de ficção científica.

O presente trabalho abordará, por um lado, como estas temporalidades não apenas forjam outras narrativas subjetivas, mas também outras corporalidades, ficções para refletir sobre possibilidades outras de relações de poder dos corpos. Por outro, como afetam essas temporalidades aos usos dos arquivos de som e imagem nestas narrativas.

Christoph MÜLLER (Ibero-Amerikanisches Institut Stiftung Preußischer Kulturbesitz, Berlim)
Contar, comentar, confrontar: música rap como medio de expressão e comunicação desde as margens

Desde o surgimento do rap nos anos 70 do século XX nos bairros das grandes cidades dos Estados Unidos dominados de habitantes de descendência afro-americana, esta forma de canto falado rítmico tornou-se uma das mais importantes formas de expressão de grupos socialmente marginalizados em todo o mundo. Além da expressão artística individual, os raps muitas vezes têm uma função de crítica social e de formação de identidade. Nas chamadas batalhas de rap, há uma troca de posições e uma competição artística em termos de conteúdo e forma entre vários dos artistas chamados Maestres de Ceremonias (MC), que têm um efeito polarizador sobre o público. Através da forma como retratam a realidade da vida e do comentário e exame crítico das condições sociais, políticas ou culturais, les MC criam um grande potencial para que seu público se identifique com eles e atuem como porta-vozes do respectivo grupo.

Neste contexto, esta palestra analisará o papel do rap brasileiro para o exame crítico das realidades sociais no final do século XX e início do século XXI, utilizando o rap do estado de Espírito-Santo como exemplo. As seguintes questões são centrais para a análise: Como a realidade é retratada do ponto de vista dos MC? Quais temas, situações e eventos estão no foco de sua atenção? Como e de quais

grupos sociais les artistes se distinguem e por quais pessoas elus falam? Os textos des MC de diferentes identidades de gênero têm características específicas? Em que contexto artístico se inserem les MCs e os seus raps?

A base textual para esta análise é o volume *Rap: A Força da Fala*, editado por Fredone Fone em 2018, que reúne os textos de 150 raps dos anos 1987 a 2010 do estado brasileiro do Espírito-Santo.

Edimilson de Almeida PEREIRA (Universidade Federal de Juiz de Fora) *Keynote Speaker*
As ideias escritas no mar: uma cartografia das escritas afrodiaspóricas

A partir de referências históricas nos territórios marítimos da lusofonia, analisaremos aspectos da teia literária que transfigura em experiência estética o drama histórico do tráfico de pessoas escravizadas. Serão abordadas obras que articulam a memória histórica e a escrita literária, evidenciando as relações de interdependência entre ambas. Textos de poesia e prosa serão analisados para demonstrar a relevância do texto literário no processo de revisão crítica da história, bem como na geração de novas sensibilidades estéticas.

Carola SAAVEDRA (Universidade de Colônia)
Antes do fim: O Karaiba, de Daniel Munduruku

Da perspectiva eurocêntrica, a História do Brasil começa com a chegada dos portugueses. Narra-se a “descoberta” de Pedro Álvares Cabral a partir da carta de Pero Vaz de Caminha, que inaugura uma perspectiva que só recentemente começa a ser contestada. Afinal, que lugar é aquele que existia naquela ocasião, o Brasil antes do Brasil, território sem nome no nosso imaginário, e que abarcava uma série de idiomas e etnias. Um mundo sem história, sem narrativa, parecem nos dizer os livros. Um mundo sem palavras. Mas Daniel Munduruku, em *O Karaíba: Uma história do pré-Brasil*, resgata na ficção essa história anterior, seja através do relato, seja através da profecia: “Uma calamidade – chuva para uns, seca para outros – cairá sobre nós e nada poderemos fazer para nos proteger dela, a não ser cantar e dançar para acalmar a fúria dos deuses criadores e esperar que nasça o filho que irá unir nossos povos contra os irmãos-fantasmas.” Mas que povo era esse que se vê diante da profecia do xamã?

Como observaram essa ruptura, esse ocaso? Daniel Munduruku, constrói um livro-travessia, e nos permite colocar palavras nesse choque, nesse horror. Porque para imaginar o futuro é preciso reescrever o passado.

Peter W. SCHULZE (Universidade de Colônia)
A política do cabelo na literatura e arte afro-brasileira

Talvez precisemos de um nome para isso (2019) é o título do longo poema de Stephanie Borges, que traz uma reflexão profunda sobre o cabelo afro, suas “políticas de estilo” (Mercer Kobena), economia estética e implicações afetivas na sociedade brasileira marcada pelo racismo estrutural. Em ressonância com a forma espiral do cabelo crespo, o poema gira em torno da afro-brasilidade, em um profícuo diálogo intertextual com posicionamentos da negritude, do feminismo negro e obras literárias como *Esse cabelo* (2015), de Djaimilia Pereira de Almeida. No poema de Stephanie Borges também reverberam obras de arte afro-brasileira que refletem sobre o cabelo, como por exemplo, a performance *Bombril* (2010), de Priscila Rezende, e o filme experimental *Kbela* (2015), de Yasmin Thayná. Estas obras trazem uma crítica ao racismo à brasileira, com suas configurações sociais e de gênero, além de enfatizarem a resistência e o autoempoderamento relacionado ao cabelo como “símbolo da identidade negra” (Nilma Lino Gomes). A palestra abordará a política do cabelo e suas configurações estéticas nas obras mencionadas com atenção especial às complexas relações epistemológicas.